

A MORTE DA FINADA

AMOSTRA

A MORTE DA FINADA

AMOSTRA

ASTÉRIO
MOREIRA



Rio de Janeiro, 2024

AMOSTRA

À gente, à terra e à serra dos Olhos d'Água

“Se eu conversasse com Deus
Iria Lhe perguntar:
Por que é que sofremos tanto
Quando viemos pra cá?
Que dívida é essa
Que a gente tem que morrer pra pagar?”

(*O Mal e o Sofrimento* - Leandro Gomes de Barros)

CAP. I	11
CAP. II	14
CAP. III	27
CAP. IV	42
CAP. V	50
CAP. VI	64
CAP. VII	72
CAP. VIII	78
CAP. IX	98
CAP. X	107
CAP. XI	122
CAP. XII	130
CAP. XIII	137
CAP. XIV	144

CAP. XV	152
CAP. XVI	161
CAP. XVII	172
CAP. XVIII	178
CAP. XIX	184
CAP. XX	196
CAP. XXI	205
CAP. XXII	209
CAP. XXIII	213
CAP. XXIV	219
CAP. XXV	227
CAP. XXVI	233
CAP. XXVII	242
CAP. XXVIII	248

CAP. XXIX

257

CAP. XXX

265

AMOSTRA

I

Quem é da vida é da morte. Morrer é como nascer — é tarefa de solidão. Nada de companhia, ofício sem amparo mesmo, coisa de se fazer só, apartado de tudo que é auxílio, de qualquer qualidade de adjutório. A passagem tem que ser feita de modo cru e sem artifícios. Para isso, é que se faz precisão de não ter nada pegado nas mãos, cada um com seu cada ser — e Deus que seja por todos para o consolo de quem n'Ele tenha o destino de acreditar! Decerto que, de quando em vez, tem quem segure na mão do moribundo e quem apare o bruguelo naquelas horas de grandeza e agonia — há gente de sorte nesse mundo. Mas a tarefa de ir e vir na vida, na aflição do susto, é sozinha e na ignorância. Sem apelação. Vivência que só se tem uma vez em cada destino, sina de todo ser vivente e terreno, que toda criatura morredora e nascedora tem que passar. Cruzar o batente do mistério é trabalho de um só. A diferença é que nascer é sair do segredo e morrer é entrar nele. Para dentro ou para fora, atravessar num mergulho a fina capa d'água de um rio de que não se enxerga o fundo. Tudo o que se dá pelo lado dos vivos é de conhecimento do povo que, com inteligência, foi e vai aprendendo tudo na gana de saber, mas tudo que se dá na banda dos não viventes é nevoeiro na ciência dos homens — se pensa que vê, mas, na verdade, não se avista.

Nascer é o princípio da tarefa do apego: logo se apega a um peito, se gruda a um nome, se une a uma gente, se cola numa terra e

aí se vai, a tudo se agarrando na vida com medo de se soltar, às vezes, do que nem se teve. De outra banda, quem se desprende da vida se solta do laço do mundo, deixa dinheiro e parente, deixa dívida e credor, deixa saudade e raiva, deixa tantas outras coisas também — porque morrer é antes de tudo a tarefa de deixar. Mas não é só isso. Dizem que da vida não se leva coisa alguma, pois aventure e digo eu o avesso, sustento que se leva coisa de muita monta, valor da maior importância: a memória — tudo aquilo que só sabia aquele finado, justo conhecimento que só ele tinha no mundo todo e sem parêla. Quando se morre, a lembrança de tudo larga o corpo e, como a fumaça do espírito, escapole da carcaça para o além. Arrisco dizer que a alma, corpo sem corpo, é feita das lembranças, uma coberta de retalhos, nuvem de dizeres, de ciência, de sentidos, de segredos, de dias do defunto — amontoado de recordação que escapa do carapaça morto para o mundo num grande sopro. Essa coleção de coisas aprendidas na vivência dos dias e na coleção das horas é o que animava a casca de quem ela era posseira, por isso que se nasce pequeno e vai crescendo, porque, com o passar do tempo, as memórias vão se acumulando e precisam de mais e mais terreno, de mais carne e ossos. Mas chega uma hora que o corpo para de tomar tamanho e as lembranças vão escorrendo e escapando, derramando do vaso; por isso quase todo velho tem a sina de esquecer as coisas, e isso embaralha o juízo — caduquice é a alma escapando em vida.

Quando se morre, de uma vez só, essa fumaça enjaulada na carne toma o caminho do vento e passa a morar na imensidão — nunca acreditei muito na armadilha do inferno. Mas como esse monturo vaporoso um dia já estive na carne e a falta do que

se foi é coisa dóida e desacostumada, essa nuvem do que se era fica vagando no mundo ou, de quando em vez, visita a terra para matar as saudades ou para ter mais força de não sentir saudade nenhuma. E é nessa oportunidade, nessa ocasião de visitaçõ, que as coisas se criam na cabeça dos homens e que se costuma chamar de inspiraçõ. Essa ruma de cacarecos do finado que ninguém vê e está no vento, às vezes, visita os viventes numa mudança de brisa, soprando nos ouvidos e lustrando os olhos para que os vivos possam astuciar. É assim que tudo se cria, que toda invençõ toma forma, cor, gosto, cheiro e som — brota no mundo pela mão do homem e pelo adjutório dos ventos.

AMOSTRA

II

Sei bem que pensei assim num baque “Eu morri” — nem era uma pergunta, era uma certeza mesmo. Afirmção grande na confiança do arremate da vida porque sempre ouvi dizer que a hora chegada da morte nunca traz a incerteza da questão. E no tempo sem fim desse pensamento curto, coisa de intervalo de eternidade, entreguei a alma a Deus e achei bom que não tivesse doído — é que morrer na dor é bem pior, não sabe? Sei que era um dia de terça-feira, quando, depois de lavar os pratos, eu finei. Parecendo coisa comum que todo mundo faz por obrigação todo santo dia. Morte sem grande ocasião, coisa tola no meio da semana como deve ser o fim de uma criatura que passa despercebida no mundo — é que tem gente que vive muda e morre calada, uma sina enfadada. Veio assim mesmo, sem espera, sem anúncio, sem barulho, tranquila e mansa, mas num tapa só, numa batida de um só estalo. Estava no mundo e, de repente, só senti um sopapo frio na nuca que arrepiou tudo quanto é pelo e me botou dura feito um pau. Aí, no tocar da morte, perdi as forças, fui caindo troncha no chão da cozinha, batendo com a cabeça — som de coco quando cai, sabe? Eu sei que, naquele sentido de morte que tinha acabado de conhecer, ocasião de posse nova, pus na imaginação a coisa bonita de que era mão fria de mulher que tinha dado o tapa atrás da minha cabeça, porque a morte homem não pode ser, prova é que Deus bem soube dar o nome dela de criatura fêmea — mulher é que tem mistério, feita de um silêncio que ninguém assunta.

Ela botou a mão gelada atrás da minha cabeça e eu virei boneca de trapo na mesma hora. Naquele segundo da queda do corpo sem vida que despenca no chão, foi que me dei conta de que, no momento certo, quando a vida escapa, cabem três larguras de tempo: o tempo da certeza da acabação, o tempo do julgamento da vida e o tempo do medo — é muita infinidade. A certeza do fim é o que dá dignidade na hora da morte, é o que bota o morto na postura, é quando se depara com o que não tem remédio e se conforma com aquilo que, mesmo esperado, não se espera e que, quando chega, não tem solução nem emenda — é ir e pronto. O tempo do julgamento da vida é o mais largo de todos e é onde se apuram as satisfações e se amarguram os arrependimentos de um por um, circunstância com gosto de uma mistura estranha de amargo trançado no doce que vai se sentindo na língua dormente que nunca mais há de provar coisa nenhuma. O tempo do medo é o que bota a gente no vazio do desconhecido, lugar onde a dignidade some e a gente estranha que já não tem mais coração para sentir qualquer aperto — mas logo a certeza da finação bota de novo tudo na postura da dignidade.

Pois foi bem assim, quando caiu o prato, quando derrubei o último que secava e que não chegou até o armário porque a morte foi mais ligeira me tomando da mão. O som de cada caco brilhou por toda casa devagarinho e fez eco, saiu por todo povoado, quicou em todos as oíças, bateu nas paredes da serra e se espalhou no vento do mundo. Ouvei. Caí ali mesmo, muda, sem direito a um grito de “Deus me acuda!” ou coisa parecida, sem um suspiro fundo antes de um berro por socorro — prova de que nunca fui de protestaão. A verdade é que nunca tive espaço e tempo para grito nenhum, não sabia que tinha direito a ele, era luxo só dos

outros. Até o choro não me fez muita companhia na vida porque, de quando em vez, tive que engolir o pranto debaixo de ordem seca — “Engula!”. Obedecia.

Era de gênio tão brando e quieto que até a palavra falada me faltou na boca por muito tempo; era tão mansa no silêncio que até quase a idade de 3 anos eu não dizia nada, só uns grunhidos, mas atendia todo mundo que me chamasse ou me pedisse o que fosse — tudo isso me contou a dindinha. Dizer nenhum me vinha na língua e eu mudinha existia como coisa quieta ali. Conformado com a calação, o padrinho, que foi quem me criou, já tinha a minha mudez por certa, porque dizia “Ainda bem que mouca não é. Falar é o de menos.” — de tudo isso eu tomei conhecimento depois de grande. Foi quando a dindinha apelou para a água de chocalho, porque reza de São Brás já não dava conta de fazer a voz desabrochar da garganta. Fez como mandava a cartilha da crença do povo do lugar: guardou num balde água da primeira chuva de janeiro; depois, deu ordem para trazer um badalo velho de boi de uma das roças, mandou buscar um daqueles sinos que se bota em vaca, colocou nele a água guardada e filtrada num pano fino e me deu para tomar — santo remédio! Mesmo assim, o resultado não foi ligeiro, bebi dessa água e nesse copo umas semanas até desatar as primeiras palavras e não virei criatura conversadeira, como se esperava que fosse eu virar. Assim, sempre fui de pouca conversa, só de prosa curta. Esperneio nunca dei, queixa quase nenhuma e, quando tinha, era de mim para mim — no mais, nada para fora. É que tinha gênio bom, mesmo de quem tudo acode e se curva — sempre certa de dever favor a alguém, uma prisão medonha. Mansa sem abatimento, criatura de toda renúncia, de toda calma e de força sem usança. Eu já

não era viva em vida, por isso, quem sabe, a morte tenha vindo assim, sem estranheza, sem rebeldia e bem recebida — morte de gente já finada.

Esqueci nunca, mesmo depois de morta — quando já se é muito estranho falar em esquecimento e qualquer outra coisa no agora, porque parece mesmo que a criatura já não se está mais posta no tempo, porque já não se está posta no mundo. Morrer é desprender da carne e do tempo. A carne, senhora do homem. O tempo, senhor de tudo. Mas não esqueço não que era no mês de maio, porque era mês de terço na capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, padroeira da miúda Papa-terra — lugar onde não tive a desdita de nascer, mas para onde me levaram com dois meses dentro de um caldeirão de alumínio para ser entregue para meu irmão mais velho, o padrinho. História humilde de gente humilde e que, de certo jeito, parece engraçada, quando, na verdade, é a verdade misturada com a precisão — depois conto e bem aponto.

A Papa-terra é o que muita gente chama de fim de mundo — gente cheia de pretensão. Uma miudeza na grandeza. Lugar muito quieto, muito quente, muito vazio, onde tudo tem outro tempo — o tempo da parança. Canto de um intervalo, porque a espera é o que dá nome àquele lugar. É que todo mundo ali esperava por alguma coisa no silêncio e com muita atenção, iam tudo pastorando, mas sem pressa. Sem mentira nenhuma, tudo tão sem ligeireza e afobação que até mesmo uma pedra ali existia mais devagar, as águas corriam mais lentas e o vento soprava com mais fineza. Lembro bem essa minha finação porque, na Papa-terra, as coisas não aconteciam e, quando aconteciam, ficavam

muito presas na memória, e a gente passava a viver a lembrança várias vezes com todas as suas miudezas de acontecência: as falas, as cores, as pessoas. Tudo bem remoído e macerado. A gente mastigava bem os ocorridos para ter assunto nos dias vazios da terra do silêncio. Lembro bem porque, na Papa-terra, lembrar era um exercício de todo mundo, mas eu mesma não era dona de boa memória, pois, em vida, já era falha essa coisa de guardar lembranças, mas, na morte, a coisa só piora, porque o vento leva e já não se tem cabeça para guardar as datas — eu tenho para mim que deve ser por isso.

Mas lembro bem porque dia de morte não se esquece, muito menos da morte da gente — é como o dia do nascimento pelo avesso. Quando o sujeito nasce, o povo agradece a Deus pela vida do menino, solta morteiro na frente da casa da parida, os mais ricos trazem presentes para o pagãozinho, é visita que não para de chegar para ver a cria e o povo põe a bênção dizendo “Deus abençoe.”, “Deus dê saúde.”, “Deus faça feliz.”, “Deus faça um homem forte.”, “Deus faça uma boa mulher.” — toda essa ladainha de bendizer que se aprende da boca dos mais velhos. Quando se nasce tudo é festa. E quando o sujeito morre, é a mesma coisa, mas pelo outro lado. O povo pede perdão a Deus pelos pecados do falecido, grita oração dentro e fora da casa, quem tem dinheiro traz flor para o defunto, é gente entrando e saindo querendo ver a cara branca feito cera de vela do finado e o povo desce a bênção dizendo “Deus acompanhe”, “Deus dê a paz e o descanso eterno”, “Deus acolha”, “Deus perdoe”, “Deus não enjeite”, aquela outra litania que se aprende também da boca dos velhos. Quando se morre tudo é festa — pelo menos na Papa-terra. O rebuliço é o mesmo